

O SIGNO DA FALTA: AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

Jerto Cardoso da Silva¹

Jémerson Madrid Dias²

Resumo: Este trabalho se propõe a realizar uma revisão teórica sobre algumas das situações e características que podem ser prováveis causas da automutilação na adolescência, focando em alguns aspectos que serão discutidos pelo viés psicanalítico. A mudança no laço social aliada ao “não-lugar” do adolescente na sociedade predispõe o indivíduo à passagens ao ato, a formas de expressão do sofrimento inerentes à época, devido à crescente angústia que se lhe impõe. Nossa sociedade cada vez mais narcísica e o enfraquecimento da inscrição da Lei na contemporaneidade também podem ser fatores preponderantes para o aumento da automutilação como prática compensatória. Devido à grande incidência desse fenômeno nos últimos tempos, é fundamental que o tema seja estudado e aprofundado e quiçá elucidado.

Palavras-chave: Automutilação. Adolescência. Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de apresentar um estudo teórico analítico sobre a problemática da automutilação. Fenômeno emergente em nossos dias, especialmente em jovens, a automutilação vem tomando proporções preocupantes e contagiando adolescentes independentemente do nível econômico ou classe social.

Alguns estudos sobre o tema demonstram que a prática automutilatória é utilizada pelos adolescentes para minimizar a angústia e aliviar emoções negativas. O *cutting* (termo em inglês para definir o fenômeno) serve como forma de extravasar a dor emocional, uma forma de linguagem que expressa um sofrimento inominado. Sem nome porque não encontra um espaço de escuta onde o adolescente possa expor em palavras seu sofrimento. Sem possibilidade de fala, transfere-se para o concreto a dor abstrata, inscreve-se no corpo esse sofrimento sem objeto.

¹ Docente do curso de Psicologia e do Mestrado em Psicologia Profissional da Universidade de Santa Cruz do Sul. Graduado em Psicologia. Mestre em Psicologia. Doutor em Estudos da Linguagem. E-mail: jerto@unisc.br

² Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. E-mail: jemerson1984@gmail.com

O crescente número de adolescentes que se cortam exige que nos aprofundemos no assunto, que entendamos melhor a temática para podermos auxiliar esses sujeitos quando de sua procura por ajuda. Os estudos sobre a automutilação ainda são superficiais, como demonstram vários artigos que tratam da matéria. Ademais, considerando a forma como essa prática se apresenta nos dias de hoje é fundamental que o fenômeno seja estudado e elucidado.

À luz da psicanálise, este trabalho visa imergir na temática a fim de fazer emergir elementos que possam concatenar novas ideias e provocar novas reflexões. Partindo desse pressuposto, é pretensão também deste estudo começar a pensar na construção de formas de abordar esse inusitado sintoma de nossa época.

ADOLESCÊNCIA, AUTOMUTILAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

A ADOLESCÊNCIA E A MUDANÇA NO LAÇO SOCIAL

Por ser naturalmente uma fase de transformações, tanto biológicas quanto subjetivas, a adolescência adquire um estatuto de crise (COSTA et al, 2004) que exigirá do adolescente uma mudança de posição no mundo, bem como o colocará diante da responsabilidade de escolher o rumo dará à sua vida. A própria palavra crise já traz em sua etimologia o caráter de mudança intrínseco à adolescência: crise, do latim *crisis*, is 'momento de mudança súbita, crise (med)', do grego *krisis*, eōs 'ação ou faculdade de distinguir, decisão, momento difícil'³. O mal-estar trazido pela adolescência devido ao fato do sujeito estar em um período de mudança onde seu lugar é sempre transitório, aliado à angústia da escolha (já que agora lhe é imputado o peso da responsabilidade) diante das diversas opções advindas do modelo capitalista, reforça a crise adolescente na contemporaneidade.

Aliada a extensa gama de possibilidade que a globalização impôs, Forbes (2012) ressalta que em nossa época houve uma transformação na estrutura do laço social, que provocou metamorfoses de toda ordem na subjetividade. Em uma sociedade pai-orientada como a de outrora, tínhamos modelos, padrões, direções a seguir. Seja o pai, a lei, Deus ou a pátria, existia um norteador para as ações, um ideal que servia de referência para guiar a vida dos sujeitos. Na era "líquido-

³Fonte: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-etimologia-da-palavra-crise/28974>

moderna” (BAUMAN, 2005, p. 18) de um mundo globalizado, os padrões não existem, estamos sem orientação, perdemos a bússola (FORBES, 2012).

Sai de cena o homem traumatizado para dar lugar ao homem desbussolado (FORBES, 2012), aquele não sabe qual caminho seguir e que não encontrou seu lugar no mundo. Trilhar o próprio caminho parece inspirador e empolgante à primeira vista, pois leva a crer que adquirimos uma liberdade plena, e com ela, o tão sonhado domínio soberano sobre nossas vidas. Entretanto, o que a contemporaneidade nos mostra é que longe de alcançarmos o domínio sobre nossa existência, a liberdade que adquirimos impõe seu preço: o aumento exponencial da angústia. E ao que parece, pelo menos por enquanto, a metamorfose brusca da sociedade e as condições subjetivas dos indivíduos modernos não permitem que o preço a pagar pelas mudanças e pela liberdade seja saldado, especialmente entre os adolescentes.

Nessa realidade caótica onde não temos um norte, usufruímos de uma liberdade jamais sentida, talvez nem mesmo pensada. Contudo, a angústia ampliou-se na mesma proporção, fazendo com que o sentimento de desorientação acarrete novas formas de dor e de expressão do sofrimento. A fim de aliviar a angústia advinda dessa liberdade insuportável que leva às incertezas de um futuro imprevisível, novas formas de expressão do mal-estar são construídas.

A adolescência como um momento de passagem, em que o sujeito não é mais criança, portanto, não possui a proteção que tinha nessa fase, mas também não é adulto, pois ainda não pode responsabilizar-se por si nem obter certas prerrogativas da maturidade (COSTA et al, 2004), acaba se colocando como um tempo de “não-lugar”, um limbo existencial. Essa condição predispõe sensações intensas de angústia, inadequação, vazio e muitas vezes de desamparo. Essas circunstâncias podem acarretar um grande sofrimento para o jovem, que precisa encontrar formas de expressão dessa dor. Uma delas, característica da contemporaneidade, é a automutilação.

Esse fenômeno espalhou-se entre os adolescentes sorrateiramente até alcançar índices alarmantes, segundo informações de profissionais de saúde (SILVA, 2012). O efeito de contágio que a prática aparentemente encerra tem como premissa a busca por um modelo de sofrimento ou de expressão deste que seja reconhecível. Forbes (2017) chama de sofrimento *prêt-à-porter*, termo em francês que significa “pronto para vestir”, essa tendência do sujeito de tomar emprestada

uma forma de sofrer já pronta, pois é característico do homem, um ser de linguagem, a preferência por sofrer daquilo que conhece, de uma dor que tenha nome.

Nietzsche (1888/2017) já dizia que “reduzir uma coisa desconhecida a outra conhecida alivia, tranquiliza e satisfaz o espírito, dando-nos, ademais, um sentimento de poder” (p.50). Desta forma, a angústia, o vazio, o inominado é tão terrível para o homem que um sofrimento “pronto para vestir” se torna menos angustiante do que não saber do que se sofre. O princípio da explicação desse fato é que

[...] uma explicação qualquer é preferível à falta de explicação. Como, na realidade, trata-se apenas de se livrar de representações angustiantes, não se olha bem de perto os meios que conduzem à sua consecução. A primeira representação em virtude da qual o desconhecido se declara conhecido faz tão bem que a temos por verdadeira. (NIETZSCHE, 1888/2017, p. 51).

A angústia, o inominado, o desamparo e tudo mais que faz o homem titubear em sua existência por não encontrar representação que simbolize seu padecimento, o leva a uma sensação de aflição e mal-estar. Para Dunker (2015) o mal-estar remete a uma ausência de lugar, de posição e “convoca uma dimensão moral” (p. 193). Desta forma, pode-se pensar no mal-estar como a sensação daquele que não sabe ou não encontrou seu lugar no mundo e, por isso, sofre. O adolescente como sujeito do não-lugar é impactado diretamente por essa condição que o inunda de mal-estar, uma sensação disforme, anômica e inominada.

Ao mesmo tempo em que se sente perdido, sem lugar definido no mundo e sem algo ou alguém que faça a mediação com o externo, o adolescente é convocado a uma posição de responsabilidade, a qual ainda não tem condições de dar conta (Costa et al, 2004). As mesmas autoras destacam que “a relação do homem com seu meio, com a natureza, com a cultura, não é tranquila, ao contrário, provoca mal-estar” (p. 32) e por isso é de suma importância na construção do sujeito a inscrição da lei. Como vivemos em tempos de excessos, os pais contemporâneos educam seus filhos a partir de duas dinâmicas diametralmente opostas: a superproteção e a negligência. Uma ou outra dessas situações causa prejuízo na inscrição do significante nome-do-pai (LACAN, 1988), fazendo com que a construção de personalidade do sujeito fique defasada em relação à sua autonomia, responsabilidade e resiliência diante dos percalços e embaraços que a vida impõe.

A superproteção na infância cria indivíduos frágeis emocionalmente que ao primeiro fracasso tendem a desnorrear-se, e assim, entregarem-se às drogas, à

automutilação e até, muitas vezes, ao suicídio (YOUTUBE, 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=RXHvwnJW9Fs>). Soma-se a essa premissa o fato de que, na adolescência, esses mesmos pais que superprotegeram o sujeito, agora, o negligenciam. Ao sair da superproteção diretamente para um lugar de responsabilidade sem o aparato mínimo para dar conta de si e sem a mediação de um adulto, o jovem desespera-se, pois se vê sozinho no mundo, abandonado e entregue a própria sorte. Esse abandono, sentido como desamparo, leva o adolescente à sensação de vazio e muitas vezes de desespero, pois “o Outro lhe pede algo que não tem como ser atendido” (COSTA, et al, 2004, p. 24) ao mesmo tempo em que não possui o amparo desse outro para lhe dar um norte, gerando a situação de crise. Macedo (2012) fala sobre essa experiência de desamparo na adolescência:

A vivência de desamparo, revivida na adolescência como sofrimento típico do processo, parece cristalizar-se no contexto atual denunciando adolescentes condenados a um sofrimento, cujo incremento lhes provoca a recorrer, repetidamente, a passagens ao ato. (p. 117).

Sem esse outro especular para construir a imagem de si, o adolescente precisará buscar nas novas relações sociais o olhar, o toque, a fala (principalmente nas amizades e relações amorosas) que moldará sua nova representação e que confirme sua imagem (COSTA, et al, 2004). Nessa fase, fundamental para a construção do sujeito adulto, o adolescente está se diferenciando da família e buscando lugares de pertencimento e de reconhecimento fora dela. Quando esse jovem distancia-se da família de origem e tem dificuldade em estabelecer um lugar de pertencimento (ou seja, não encontra o olhar, a fala, o toque que confirme e modele sua nova imagem) ele novamente se sente sozinho, em um limbo, um não-lugar, que o predispõe a disfunções de toda ordem.

NARCISISMO, AUTOMUTILAÇÃO E ADOLESCÊNCIA

Em tempos narcísicos é substancial o alimentar-se do olhar do outro. A busca por uma imagem aceita e reconhecida socialmente é característica elementar da contemporaneidade, bem como da adolescência. Ser relegado ao anonimato é uma dor insuportável. Estar desamparado pela família e ser anônimo socialmente mais uma vez leva a adolescência ao estatuto de crise e o jovem ao status de sujeito do

não-lugar. Essa condição fluida que é a adolescência, inconstante, instável e repleta de silêncios pode ser considerada uma das fases mais difíceis da vida humana, um dos períodos mais angustiantes da existência. E por isso, sujeita a disfunções, dores e expressões do sofrimento nos mais diversos arranjos.

A automutilação como um sintoma do mal-estar contemporâneo é uma forma de expressão que, como diz Forbes (2016, p. 186), “se adapta ao relevo social de uma época”. Na adolescência contemporânea, pelas exigências do mundo moderno, os cortes podem ser “meios possíveis de expressar faltas e excessos, constituindo-se numa linguagem particular deste momento” (MACEDO, 2012, p. 141). Ao falar sobre as tatuagens, Macedo (2012) ressalta que a necessidade do adolescente de marcar o corpo com um símbolo acontece para construir uma identidade e o reconhecimento do outro. Uma imagem ou representação corpórea que clama pelo olhar do outro (MACEDO, 2012), alimento de seu narciso.

Falar da automutilação como um sintoma do narcisismo exacerbado da modernidade é um desafio que exige aprofundamento no tema. Em uma vida mediada pela imagem, principalmente com as redes sociais servindo de ferramenta para a disseminação dessa representação, é inevitável relacionar esses três assuntos: adolescência; automutilação; e narcisismo. Freud (1974) já havia elencado a depressão como uma patologia narcísica, bem como Lacan (1993) a definiu como “covardia moral”. Neste sentido, a automutilação parece ter muitos dos mesmos princípios sintomáticos da depressão, até mesmo porque, muitas vezes os cortes advêm de um estado de melancolia (REFERENCIA).

Desta forma, considerando que o narcisismo é “uma relação a dois, não um indivíduo apaixonado por sua imagem” (DUNKER, 2017, p. 266), depreende-se que ele precisa “desesperadamente de outros por meio dos quais ele pode receber e confirmar sua própria imagem atraente de fascinação” (DUNKER, 2017, p. 266). Partindo dessa premissa, a automutilação aparece como o resultado não suicida de uma melancolia que emerge do abandono e do desamparo familiar aliado à falta de reconhecimento pelo outro, à ausência do fascínio esperado pelo narciso adolescente, que define sem seu alimento básico: o olhar alheio.

Macedo (2012) destaca que a adolescência é um período que exige do indivíduo um “intenso trabalho psíquico” (p. 166). Tanto pelas transformações do corpo quanto pelas mudanças de posição subjetiva. Essa travessia que é a

adolescência (RASSIAL, 1997) traz ao jovem dilemas, dúvidas, sensação de inadequação e muita angústia.

Em uma realidade cada vez mais inconstante, sem padrões ou modelos a seguir e que nos impõe a liberdade insuportável de escolher entre tantas opções, não há mais garantias, nem mesmo como “prever o futuro”. Desta forma, é fundamental, portanto, que os sujeitos desenvolvam ou aperfeiçoem sua responsabilidade (FORBES, 2012) e retomem por si mesmos a inscrição da lei – que em nosso tempo, parece estar perdendo o lugar na construção do sujeito ou, pelo menos, precisando de novas formas para se efetivar.

A INSCRIÇÃO DA LEI E A REEDIÇÃO DO ESTÁDIO DO ESPELHO

Rassial (1997) considera a adolescência com uma reedição do Estádio do Espelho, proposto por Lacan (1998). Nessa fase o sujeito deixa para trás o corpo infantil e precisa assumir uma nova imagem, a partir de um outro especular, que agora está fora da família. São as amizades, os relacionamentos amorosos e relações sociais que oferecerão os significantes a serem inscritos e que irão circunscrever, modelar e constituir o novo corpo imagético adolescente.

Costa et al (2004) dizem que essa fase do ciclo vital é o momento da “reiteração da função paterna, da metáfora paterna” (p. 37), portanto, é um período crucial para a constituição do futuro adulto. Característica fulcral da travessia do adolescente rumo à maturidade, o reforço ou a reinserção do significante nome-do-pai durante a adolescência é fundamental para a passagem do eu familiar para o eu social (Rassial, 1997). Além disso, a necessidade de confirmação da imagem que é essencial no Estádio do Espelho também se reedita, pois é no olhar do outro (agora o outro social – amigos, amores e etc.) que o jovem vai construindo sua nova imagem. É a partir das identificações simbólicas disponíveis, na interlocução do olhar do outro com o olhar do próprio adolescente sobre si que a identidade do sujeito vai se constituindo. (COSTA et al, 2004).

Entretanto, no mundo de hoje, parece haver um enfraquecimento dessa inscrição da lei. É bom salientar que não está se falando aqui sobre questões que permeiam o masculino, o homem ou o pai, mas sim de um significante que estabelece o interdito. Costa et al (2004) comentam o fato de ninguém conseguir se situar sem uma referência, entendendo essa referência, no caso dos adolescentes,

como prerrogativa primordial dos pais. Contudo, as autoras ressaltam que os pais modernos não querem mais ocupar essa posição, não querem mais estabelecer limites, hesitam em castrar seus filhos. A ausência desse registro reforça a hipótese do homem desbussolado de Forbes (2012) e coloca o adolescente em uma crise muito mais intensa que a de outrora.

Costa et al (2004) dizem que “o exercício do adolescente, de certa forma, é dissolver os limites, ele vai ter que testar. Enquanto não descobrir o limite, ele vai continuar testando” (p.118). Em uma época que falha ou vacila na inscrição do interdito, isto é, não impõe a lei, o jovem não tem a quem se opor, nem contornos para lhe servir de referência. Essa condição volúvel a qual o adolescente é submetido origina um intenso desassossego, que se torna fonte de sofrimentos inenarráveis expressos de diversas formas na contemporaneidade. A automutilação é só uma delas.

A falta do contingente familiar aliada à nova sociedade, baseada em escolhas (trazida pela globalização e pelo consumo), leva os indivíduos a uma angústia sem precedentes. E é esse sofrimento sem nome, alheio ao significativo e aparentemente sem significado que assola o sujeito moderno, em especial o adolescente contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão teórica realizada nesse estudo mais do que explicar ou dar respostas às problemáticas propostas, especificamente a interlocução entre adolescência e automutilação, gerou inúmeras questões e dúvidas acerca do assunto. Esse sintoma inusitado de nossa época merece atenção e aprofundamento devido à sua grande incidência entre adolescentes.

Debruçarmo-nos sobre as novas formas de expressão do sofrimento que emergiram na contemporaneidade é essencial para a reformulação teórica e para repensarmos nossa prática psicológica. A automutilação, apesar de não ser um fenômeno novo, parece se manifestar de forma diferente de outrora, acarretando construções subjetivas peculiares e consequências individuais e sociais de toda ordem.

A ideia principal desse trabalho foi pesquisar no arcabouço teórico da psicologia aspectos que delineassem um caminho rumo ao entendimento acerca da

articulação entre automutilação e adolescência. Agora, o próximo passo é ilustrar esse apanhado teórico com situações reais e falas de sujeitos que tenham se automutilado ou que ainda o fazem, no intuito de tentar compreender seus determinantes e condicionantes. Além disso, a interlocução entre a teoria levantada e os discursos desses sujeitos servirão também para um melhor entendimento sobre a adolescência contemporânea, isto é, como o sujeito vive essa crise que é a adolescência no mundo de hoje.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COSTA, A. et al. *Adolescência e Experiências de Borda*. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-estar, Sofrimento e Sintoma: uma Psicopatologia do Brasil entre Muros*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Reinvenção da Intimidade: Políticas do Sofrimento Cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FORBES, Jorge. *Inconsciente e Responsabilidade: Psicanálise do século XXI*. Barueri: Manole, 2012.

_____. *Você quer o que deseja?*. 12 ed. Barueri: Manole, 2016.

_____. *Você Sofre para não Sofrer? Desautorizando o Sofrimento prêt-à-porter*. Barueri: Manole, 2017.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, 1974.

LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2. Ed., 1988.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

MACEDO, M. M. K. (Org.). *Adolescência e Psicanálise: Intersecções Possíveis*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos Ídolos: a Filosofia a Golpes de Martelo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. 132 p.

RASSIAL, Jean-Jacques. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

SILVA, Priscilla Menezes da. *Automutilação na adolescência: o acesso a tratamento médico como direito fundamental*. In: World Congress on Medical Law, 2012, Maceió, 2012.

YOUTUBE. Desenvolvido por Google. O que é Síndrome do Imperador? Programa Todo Seu (26/02/18). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=RXHvwnJW9Fs>>. Acesso em: 25 mai. 2019.